



INSTITUTO
ANTROPOS

PESQUISA SOCIOCULTURAL E MISSIOLOGIA APLICADA

ANTROPOS
Revista de Antropologia

{ARTIGO}

MITOLOGIAS, ONTOLOGIAS, COSMOLOGIA E HISTÓRIA:

QUESTÕES SOBRE VISÕES DE MUNDO

AUTORA: Jocélia Barreto

Introdução

A sede de conhecimento, de tudo saber, entender e explicar ultrapassou séculos na sociedade ocidental. Filósofos, estudiosos, procuraram e procuram explicar, analisar, mensurar, e encontrar verdades. A ciência cartesiana, darwinista, positivista buscava descobrir uma verdade absoluta sobre o mundo.

Se houve em determinada época a primazia da explicação do mundo através de modelos baseados na física e na biologia as ciências humanas veio questionar este modelo de ciência fundamentado no empirismo, determinismo, formulando outras metodologias.

Cada povo constrói seu modo de ver e perceber o mundo em suas vivências e experiências por meio de mitologias produzindo cosmologias. Mitos que se tornam parte intrínseca do seu cotidiano. Se para o senso comum o mito é visto como uma inverdade, para estudiosos pode ser visto como uma narrativa, uma metáfora, e até ir, além disto- ser construído como uma realidade.

Em seu artigo “*O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões*” Joanna Overing aborda questões sobre ciência, natureza, cultura, tempo, humanidade, crença, o universal e o relativismo, o material e o real.

Ao estudar os Piaroa ela vê nas relações sociais destes uma outra metafísica, uma forma diferente de ver o mundo, a relação entre os objetos e os seres, entre a natureza e a cultura. Outra ontologia, uma nova forma de ver os seres e de se pensar o humano e o animal. A cosmologia dos mitos destes não é vista como uma metáfora, uma equivalência, uma transposição, mas institui uma realidade de fato. O mito é construído por ele, como uma realidade, na sua vivência cotidiana.

Overing questiona a idéia de uma única explicação para o mundo, a idéia de universalidade da ciência ocidental; pois existem outras formas de se pensar o humano e o natural e a própria idéia do que é ser humano, ciência, mundo, natureza e cultura devem ser questionadas:

[...] a idéia de que há uma única realidade objetiva, ou uma única teoria da realidade a que todas as outras teorias podem ser reduzidas, não faz mais sentido. A idéia de que o mundo objetivo pode ser representado por completo se for representado de um único ponto de vista não seriam aceita por tais epistemólogos. Eles admitem uma pluralidade de conhecimento, cada um dos quais só pode oferecer uma visão parcial... (OVERING, 1995:121).

Se há uma pluralidade de conhecimentos com outras formas de explicar, conhecer, imaginar, pensar o enigma que é o mundo objetivo e subjetivo dos seres animados e inanimados há um pensamento aqui de totalidade entre o passado e presente, mito e história?

Ao estudar os Piaroa ela argumenta que não existe uma verdade universal e que pode haver mundos diversos e ontologias diferentes. Salienta também que a própria ciência e a filosofia ocidental já questionaram a idéia

de uma verdade universal.

2. Relação entre cosmologia e tempo; ontologia e história

A autora inicia o seu artigo afirmando que os Piaroa gostam de história. E a partir daí questiona o modo como a sociedade ocidental vê e conceitua o que é história.

O que é estudar História? É pensarmos o passado para entender o presente: assim se aprendia nas escolas ocidentais até as últimas décadas em que as primeiras aulas apareciam uma linha do tempo baseada na noção de progresso histórico. Mas em que se baseia esta noção de tempo?

Para Overing a noção de tempo está associada à concepção de poder. A sociedade ocidental percebe o tempo como linear e progressivo, tendo como objeto de mensuração o desenvolvimento da técnica, da tecnologia e da ciência; como um princípio que reflete a realidade tal como ela é pretendendo-se ter uma visão isenta de valores; esta visão, contudo é valorativa servindo para criar estruturas hierárquicas, diferentes de outros povos, que possuem outra forma de perceberem o tempo.

Para os Piaroa o tempo pode saltar, pode ser cíclico, pois o processo histórico vem sempre incorporado de eventos míticos. Logo, o tempo mítico da historicidade não é o tempo passado, mas um tempo presente, mítico, contínuo que tem efeito sobre o tempo atual. Quebra-se a noção de tempo, ou melhor, a idéia única de que o tempo é cumulativo, progressivo e linear. O sistema e a estrutura subordinam o tempo. Assim eles possuem outra cosmologia classificando o tempo como *tempo de antes (onde as coisas e seres estavam sendo criados)* ou *tempo mítico e tempo de hoje (tempo atual)*, sendo que o xamã detém o poder de organizar esses tempos, assim organizando a realidade dos Piaroa, construindo uma visão de mundo.

A história não é contada através dos mitos somente, mas os mitos é que faz a história – pensando aqui a história como a realidade – realidade que quebra a noção de tempo, passado e presente, tempo. O mito não procura explicar, o mito é, cria realidades.

Como explica a realidade e o pensamento humano? A natureza e a cultura? Ao analisar o tema xamanismo a autora pôs em destaque relações entre diversas concepções de mundo: mundo natural, sobrenatural, natureza e cultura questionando e expandindo as visões sobre o que é natural e o que é cultural.

3. A Palavra como Performance

A linguagem é poder, diriam os linguistas, pois é através dela que os humanos mantêm contato, estabelecem relações. Ela propõe algo no mundo. Para Foucault (1996) as sociedades exercem o controle do discurso colocando condições de proferir o discurso: “O sujeito que pode falar tal discurso: quem é qualificado para tal (há desta forma uma exclusão), o ritual é que define a qualificação do sujeito de linguagem, este detém desta forma um certo poder que pode limitar e constranger: os discursos religiosos, jurídicos, terapêuticos, políticos”.

Na sociedade ocidental o discurso foi espremido pela relação entre a palavra e o pensamento. Relação esta que colocaria como resultado do pensamento a palavra, como sua expressão através da estrutura da língua impondo-lhe um efeito de sentido. Há para ele certo temor em nossa sociedade do discurso, no que ele pode conter de violento, ameaçador, desordenante e perigoso (FOUCAULT, 1996).

Para os Piaroa a palavra é vista não somente como algo propositivo, mas esta produz efeito na realidade, na prática no mundo: “o realmente construído também é real, e, portanto tem efeito real sobre as ações no mundo” (p. 129).

Assim, a palavra do Xamã tem efeito sobre o mundo real, pois institui práticas sociais, afirma postulados cosmológicos de mundo através de uma metafísica; combinando aleatoriamente o tempo de antes e o de hoje. O ritual cotidiano institui resultados práticos, influencia as relações sociais. A fala tem uma eficácia, não somente simbólica, metafórica, mas prática. A linguagem possui, portanto uma capacidade de constituir o mundo por seu caráter performático e ao mesmo tempo prático. O Xamã tem o poder de ordenar o mundo dividido miticamente em tempo de antes e tempo de hoje, pois ele tem o conhecimento sobre os diversos mundos, estabelecendo contato entre vários níveis de realidade:

Os Piaroa sustentam (primeiro postulado de realidade) que os animais eram/são humanos no “tempo-antes” dos eventos míticos. Sustentam também (segundo postulado de realidade) que os animais só vivem na selva hoje porque seus ruwatu (xamãs especialistas) transformam os seres humanos do “tempo-antes” (que agora vivem com seus pais primordiais sob a terra) em animais e em seguida os transferem para a superfície da terra,

para a selva. Portanto, a ingestão de carne animal é considerada um ato de canibalismo, e os Piaroa não comem carne que não tenha sofrido uma transformação, desta vez da forma animal para a vegetal (terceiro postulado de realidade), realizada pelos ruwatu (OVERING 1995:126).

A noção de humano, animal, corpo é posta sobre outra forma. Há outra ontologia que institui uma outra metafísica. Desta forma não podemos dizer que uma explicação do mundo é mais certa, ou melhor, que outra, nem tentar reduzi-las uma à outra e julgá-las com os mesmos padrões, pois são diferentes e incomensuráveis.

Segundo Mauro Almeida (s. d.) ao tratar do tema conhecimento de xamãs, comparando-o com teorias filosóficas Joanna Overing não somente repôs o foco o debate sobre conhecimento, abrindo uma possibilidade de tradução entre culturas diferentes, mas também demonstrou que a pluralidade de conhecimentos não significa uma “bagunça relativista”.

Mas como demonstrar que o que os Piaroa acreditam no que eles afirmam ser verdade? Como pensar sobre a separação/ divisão entre a crença nos seus postulados e a sua realidade? As vivências e crenças dos Piaroa, em que seus postulados míticos têm relações concretas com ações do cotidiano, organizando assim a sua realidade, através de rituais cotidianos com resultados práticos como um pensamento ilógico, sem sentido para a Sociedade Ocidental. A própria Joanna Overing ressalta esta limitação e dificuldade de se colocar do ponto de vista de outra ontologia:

[...] quando um Piaroa diz que está na verdade comendo uma batata (ou, em um outro nível, um ser humano), se o que ele está comendo para mim tem toda a aparência e o sabor de carne de caititu, o que significa vivenciar? Como se dá a articulação entre o físico e o conceitual? **Eis um enigma para o qual não tenho resposta (OVERING 1995: 126) ¹.**

Mauro Almeida afirma porque podemos compreender a dificuldade de responder ao enigma posto por Overing. Segundo ele, nos estudos de

¹ Grifo nosso

Joanna Overing é posta dois tipos de problemas - um problema lógico: como os Piaroa convivem com a contradição lógica - e um problema epistemológico: eles realmente acreditam no que dizem? Estes problemas, segundo Almeida se remete à interligação entre a experiência e a crença, problema já posto há muito tempo por Hume:

A articulação “entre o físico e o conceitual’ poderia ser chamada de articulação entre a experiência imediata (que reconhece no alimento vivenciado aqui e agora “toda a aparência e o sabor de carne de caititu”) e o construto teórico que identifica, por trás dessa ‘aparência’, a realidade verdadeira (“uma batata”). É **compreensível que Overing não tenha uma resposta detalhada para essa articulação vista como um caso particular**². Contudo, exemplos de articulações desse tipo são tão abundantes e talvez indispensáveis que não precisamos ir até povos exóticos para encontrá-las. Comer um alimento que tem ‘toda a aparência e o sabor de carne de caititu’ pode parecer um fato de ordem física, mas certamente a ‘aparência e o sabor’ não são em si mesmos dados da físico-química: esta apontaria para proteínas e moléculas, e para a fisiologia do corpo humano responsável pela noção de sabor. A mesma ‘aparência e sabor’, se somos avisados de que são na verdade de carne humana, causariam repugnância à maioria das pessoas; e a mesma ‘aparência e sabor’ continuam a causar repugnância para vegetarianos éticos ou religiosos.

Se Overing não consegue responder ao enigma ela procura, por outro lado compreender os Piaroas, através da prática destes, identificando um sentido para os postulados encontrados ao estudar o modo de vida dos Piaroa e a sua relação com os mitos, demonstrando que havia geralmente uma convergência entre o que as pessoas acreditavam e a sua ação na maior parte do tempo (OVERING, 1995:127):

- Os Piaroa acreditavam que os animais só vivem na selva no tempo de hoje porque seus *ruwatu* (xamãs especialistas) transformam os seres humanos do “tempo-antes” (tempo-mítico) em animais e depois os

² Grifo nosso

transferem para a superfície da terra, para a floresta. Logo, os xamãs necessitam “atribuir formas animais” aos humanos que vivem em lares subterrâneos no tempo de hoje.

- Ingerir carne animal é considerado um ato de canibalismo, logo os Piaroa *não comem carne* que não tenha sofrido uma transformação, desta vez da forma animal para a vegetal realizada pelos *ruwatu*.” os Piaroa só podem comer a carne dos animais (que de fato são humanos) depois que os xamãs a transforma em vegetal; se isto não ocorrer os Piaroa podem ficar doentes.

Almeida (S. d.) afirma que Overing conseguiu obter o sentido dos postulados ao confrontá-lo com a realidade dos Piaroa encontrando na ontologia destes as consequências práticas, ou pragmáticas (ação gera efeito; omissão de ação gera danos) através da compreensão deste, mas não necessariamente compartilhamento: “Sob esse ponto de vista, se uma visão de mundo dos xamãs salva as aparências do ponto de vista da ação sobre o mundo, ela é parcialmente verdadeira; e podemos (como o Overing e Evans-Pritchard) agir como se essa visão fosse verdadeira” (ALMEIDA, s. d.).

Desta forma ao agir sobre o mundo, o xamã é um agente que constrói a realidade, construindo visões de mundo.

Conclusão

A busca pela compreensão das relações entre pensamento e mitos, ciência e história, ontologias e cosmologias nos permite ampliar o horizonte das ciências sociais através de quebras de paradigmas e posturas enraizadas no cotidiano do fazer acadêmico que pode correr o risco de virar um senso comum acadêmico, se não procurarmos a todo momento questionarmos sobre os conceitos e teorias aprendidas. O estudo da Joanna Overing demonstra bem este fato ao tentar entender os Piaroa, sua cosmologia e visão de mundo, sem impor verdades procurando treinar o olhar antropológico para não cair em atitudes etnocêntricas, hierárquicas e positivistas.

Referências

ALMEIDA, Mauro.

S. d. “Vico e outros: A Construção Social dos Fatos e o Relativismo Antropológico” [Aula para o Doutorado, IFCH].

FOUCAULT, Michel.

1996, “A ordem do discurso”, São Paulo, Loyola.

OVERING, Joanna.

1995, “O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões”, *Mana*, RJ, vol. 1 (1): 107-140, out.